

UOL ASSINE BATE-PAPO BUSCA CENTRAL DO ASSINANTE E-MAIL SHOPPING UOL **INDICE PR**



**IDG NOW! COMPUTERWORLD PCWORLD WORLDTELECOM**
**IDG BRASIL**

**COMPUTERWORLD** Busca  

[Home](#) | [CxO](#) | [Tecnologia](#) | [Mercado](#) | [Gestão](#) | [Carreira](#) | [Telecom](#) | [E-Business](#) | [Cases](#)



• IDG • IDG Now! • Computerworld • PCWorld • World Telecom •

Copyright© 1997/2003 IDG Computerworld do Brasil Serviços e Publicações Ltda.  
Todos os direitos reservados.

## Brasileiro leva TI ao Timor Leste

### André Borges

O lugar é um galpão, estrutura velha com telhado de zinco. Na entrada do local que já abrigou uma antiga gráfica, a pichação “no entry staff only” serve de aviso para restringir o acesso e indicar que ali há pessoas trabalhando. Ar condicionado não tem, a não ser numa pequena sala ao lado, onde se afugentam do calor constante uns poucos servidores. “É um verdadeiro forno. Mas o Manuel (Branco), que trabalha comigo, não gosta de ficar nesta sala, ele acha muito frio, prefere o galpão, assim como todos os timorenses que trabalham aqui.”

A afirmação acima é do consultor e professor de tecnologia Paulo Siqueira, um brasileiro que, depois de dedicar muitos anos à área de TI do Grupo Santander Banespa e ter participado de projetos eleitorais – sendo o coordenador de informática da campanha de Lula, em 1989 –, decidiu se integrar ao programa de voluntários da Organização das Nações Unidas, o UNV (United Nations Volunteer), e acabou mergulhado em um projeto de tecnologia que tem, entre outros objetivos, dar suporte à redemocratização de um país muito longe daqui.



Tudo começou em novembro de 2003, quando Siqueira, já um membro da UNV, foi convidado a trabalhar com a IFES (International Foundation for Election Systems), um tipo de ONG internacional que presta assistência técnica eleitoral em vários países. “Quem me indicou foi um colega que trabalha na área eleitoral no Brasil, o Célio Santos. Ele estava no Timor Leste e precisava regressar ao Brasil.”

Analizou a proposta, consultou esposa e filhos, e aceitou o convite. “Foi uma decisão difícil, deixar a família, a consultoria que fazia junto ao Santander Banespa e meu trabalho como professor de informática da FIAP. Mas eu acreditava que o desafio valeria a pena, o que se provou verdade.” Após muitas trocas de e-mails com a IFES e uma longa entrevista telefônica com o responsável pelo programa

de assistência ao Timor Leste, o consultor foi contratado por um período de quatro meses. Quando terminou o contrato, chegou a voltar ao Brasil. Mas, após algum tempo, foi convidado a regressar para um novo período de três meses. “O prazo acabou se estendendo e já fazem cinco meses que estou aqui.”

“Aqui” é, mais precisamente, Dili, capital do Timor Leste, a parte oriental da pequena ilha de Timor, localizada entre a Indonésia e a Austrália, a 30 horas de voo do Brasil. É no referido galpão com teto de zinco que Siqueira, auxiliado por colaboradores locais, coordena a rede de computadores que está finalizando a entrada de dados do país, um conjunto de informações de 455 mil habitantes a partir de 16 anos (o último censo feito no país apontou uma população de 950 mil pessoas), que dará suporte às eleições locais, marcadas para acontecer nos próximos meses.

### **Começar do zero**

Limitações de recursos e infra-estrutura estão longe de resumir as dificuldades encontradas num projeto como esse. Na prática, um conjunto de questões políticas e econômicas centraliza e antecede as motivações tecnológicas que hoje movimentam o Timor Leste. Antes de qualquer definição de projeto, mesmo que puramente técnica, Siqueira percebeu que era preciso olhar ao menos para a história recente do país. Olhemos. Foram quase 25 anos de controle exercido pela Indonésia – o que se sucedeu após a saída dos portugueses em 1975 –, até que o povo timorense conseguiu votar pela independência do país.

Esse movimento libertário, ocorrido no final de 1999, culminou num aumento de violência sem precedentes. Apoiados pelas forças armadas indonésias, grupos de milícias espalharam fogo e terror por toda a parte, somando o número alarmante de mais de 200 mil mortos. “O País foi praticamente destruído durante a retirada dos indonésios, não só na parte física, das casas, estradas, pontes, edifícios públicos e comerciais, como todos os registros de propriedades, nascimentos e identidade”, conta Siqueira.

Foi preciso que as forças armadas das Nações Unidas intervissem na situação. Finalmente, em 2003, totalmente destruído, o país pôde voltar às urnas para eleger sua Assembléia Constituinte. Com texto revisado, a nova Constituição que entrou em vigor abriu a trilha para o processo democrático. “Este é um país em construção, tem muita coisa para ser feita e muita coisa acontecendo. Como é novo, as leis ainda estão sendo feitas.”

Num ambiente precário, sem qualquer infra-estrutura, o povo timorense realizou sua primeira eleição independente em 2002. Nela elegeu um parlamento e o seu presidente, o líder da luta separatista da ex-colônia portuguesa, Xanana Gusmão. No ano passado, o parlamento votou a lei que regulamenta as próximas eleições locais, as que elegerão os “Chefes” e o “Conselho de Suco”. É para realizar esse processo que a colaboração de Paulo Siqueira é fundamental.

Por isso, antes de simplesmente aplicar a tecnologia, o consultor vasculhou as engrenagens da sociedade timorense, sua base política e geográfica. “É uma estrutura bem interessante, composta basicamente de famílias que moram em Aldeias, que por sua vez se agrupam em Sucos. Os Sucos se encontram em Sub-Distritos, e estes em Distritos, algo que corresponde aos Estados no Brasil”, explica. Segundo Siqueira, o Timor Leste possui 2.228 Aldeias, 448 Sucos, 65 Sub-Distritos e 13 Distritos, uma estrutura que, diz ele, “está enraizada na cultura timorense há centenas de anos”.

Para eleger sua base política o governo local criou um órgão oficial, uma área eleitoral chamada STAE (Secretariado Técnico de Administração Eleitoral). Com a supervisão de uma Comissão Nacional Eleitoral independente, este órgão tem a responsabilidade de realizar as eleições em cada Suco e Aldeia do Timor Leste. “Meu trabalho tem sido ajudar o STAE a se estruturar na área de TI. Sou responsável por toda a implementação e desenvolvimento do sistema eleitoral, da rede e equipamentos do STAE”.

### **Então, mãos à obra**

Com um projeto dividido em três fases (planejamento, implementação, e auto-sustentação com capacitação técnica), o professor partiu para ação. Para elaborar seu “Plano de Infra-estrutura de TI”, viajou por vários Distritos, participou de reuniões com seus Administradores (um tipo de governador), Chefes de Sucos e Aldeias. “Nesse período avalei a infra-estrutura de TI, conheci o país e os seus recursos”.

Que recursos? “O gerador não funcionava, há problemas diários de falta de energia, o STAE funcionava com uma pequena rede de seis ou sete computadores doados pela Missão da ONU, compartilhando uma impressora. Muitas vezes comprei água potável com meu dinheiro porque o STAE não tinha recursos financeiros para isto.”

Assim não dava para continuar, o jeito era buscar dinheiro. Siqueira decidiu contatar a USAID (US Agency for International Development), agência do governo norte-americano que mantém uma ação de apoio ao Timor. “Como a IFES também trabalha com verbas deles, eu tinha algumas portas abertas lá.” A iniciativa deu certo, o galpão recebeu novos servidores e a instalação de equipamentos de rede. Com apoio da ONU, 80 computadores também entraram em atividade.

Nessa busca por auxílio, o professor conta que chegou a procurar algum apoio no Brasil devido à experiência tecnológica de que o País goza, ao menos quando o assunto é eleição. Com a participação de representantes políticos do Timor Leste, ele diz que uma carta foi escrita e encaminhada ao presidente do Congresso por meio de um portador. “A última notícia que tive foi que o pedido estava no Ministério das Relações Exteriores, mas pelo que sei não veio nenhuma resposta até agora, embora ainda exista necessidade e tempo para isso”.

Infra-estrutura pronta, o consultor saiu em busca de mão-de-obra. Por meio de um acordo fechado com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e a Universidade Nacional do Timor Lorosae, o projeto conseguiu verba para selecionar 160 estudantes trabalhando em dois turnos de quatro horas, durante dois meses, com uma ajuda de custo de \$ 50 dólares por mês. Enfim, teve início o cadastramento dos eleitores, um registro inédito no país.



### O que está acontecendo aqui?

Nos dois meses de trabalho dedicados ao cadastramento, Siqueira teve que dividir suas complicações tecnológicas com outras um tanto mais administrativas, entre reivindicações dos estudantes, seguidas por problemas de desmaios e doenças. Mas a popularidade do projeto cresceu, e acabou se transformando numa espécie de atração pública, inclusive com entrevistas à TV local. No galpão de Siqueira passaram pessoas como o presidente Xanãna Gusmão, o primeiro ministro Mari Alkatiri, a ministra de estado e ministra da administração estatal Ana Pessoa, além de representantes de diversos países doadores, organizações internacionais e nacionais. “É o primeiro documento oficial que está sendo expedido pelo governo. Hoje, para ter um passaporte ou abrir conta num banco, o

registro de eleitor já está sendo solicitado como documento”.

O professor não faz uma idéia muito precisa de qual é o orçamento total do projeto eleitoral do Timor Leste devido a uma série de acordos bilaterais, doações de países e apoios de entidades, mas estima que seja algo entre US\$ 1,5 milhões e US\$ 2 milhões. Ainda nesse ano, sabe-se que pelo menos dois Distritos (Oecusse e Bobonaro) terão suas eleições, mas também fica difícil dizer a data exata em que o processo eleitoral ocorrerá nos outros 11 distritos. Uma das implicações é de ordem natural. Com o período de chuvas que invade o país entre dezembro e o primeiro trimestre de cada ano, algumas áreas ficam praticamente isoladas, sem meios de transporte. Além disso, hoje a própria capital, Dili, funciona à base de gerador. “Muitos locais no interior ainda não tem energia elétrica. Mas se as chuvas não atrapalharem serão feitas eleições em mais dois Distritos ainda nesse ano.” Passadas as águas de março, os timorenses ainda terão que agilizar algumas pendências em sua legislação.

Julho de 2005. Esta é a previsão de Siqueira para que seja concluída a próxima eleição do Timor Leste. Feliz com o resultado do trabalho, o consultor diz que o mais importante nesse momento é ter o registro eleitoral de toda a população pronto, e em uso. Hoje a rede do STAE está integrada à do governo, com acesso rápido à internet por meio de uma rede sem fio. “Estes recursos podem, e deverão ser utilizados em 2006, durante as eleições parlamentares, e em 2007, para a eleição presidencial.”

Agora o objetivo do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral é desenvolver um programa para dar suporte e treinamento aos timorenses. A verba para isso, segundo o brasileiro, já foi aprovada pela com a agência internacional USAID, que dará suporte a um projeto de 12 meses. Até lá, os voluntários terão que lidar com questões delicadas como falta de segurança e até falta de combustível. “O número de furtos de carros e

casas é grande. Eu acredito que este tipo de problema tende a aumentar nos próximos meses quando a missão da ONU acabar”.

O país asiático não foi o primeiro, nem deve ser o último. Em 2000, ao concluir o curso de mestrado em engenharia de software pelo IPT, em São Paulo, Siqueira foi convidado a participar de um projeto da ONU em Trieste, na Itália, onde trabalhou por quase dois anos. Neste período, também passou por países como a Argentina, Áustria, Inglaterra, Uruguai e Venezuela. “Fui responsável pelo sistema de informática e por uma plataforma de comunicação via web, um programa chamado ‘Technology Foresight’, voltado para a América Latina.”

Paulo Siqueira deixa o Timor Leste e retorna ao Brasil nesta primeira quinzena de novembro. Ao olhar para trás, o consultor reconhece que seu trabalho é algo ainda pequeno frente aos problemas que este novo país ainda tem, mas o voluntário se renova ao saber que a criação da base democrática timorense também passou por suas mãos. “As eleições vão contribuir para que eles entendam o poder do voto e aprendam a escolher seus representantes, sem violência ou conflitos. Esse processo está ajudando o Timor Leste a se fortalecer internacionalmente como uma nação forte e democrática perante seus vizinhos mais difíceis, a Austrália e a Indonésia.”

O consultor pretende participar dos treinamentos que acontecerão no próximo ano no Timor Leste, mas diz que agora deve retomar suas atividades no Brasil com a sua consultoria Exadigital. Na bagagem estarão os frutos de suas experiências profissionais e pessoais, algo que, aliás, já reverbera em sua família. O filho Gabriel, de 23 anos, é aluno de administração na FEA-USP, e já faz estágio em uma ONG internacional, a Ashoka.

[Computerworld - Edição 420 - 03/11/2004]

12/11/2004

## Leia Também

- [Governo tem novo programa de inclusão digital](#), 21/10/2004
- [Bit por bit, a construção de uma sociedade melhor](#), 08/11/2004

